

# Assistência farmacêutica e serviço público: o óbvio

Jaldo de Souza Santos,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia



O momento que estamos vivendo, na Farmácia, hoje, é de expectativas e esperança. Então, vejamos.

Criamos e difundimos, ao longo dos últimos anos, junto ao Ministério da Saúde, ao Congresso Nacional e à categoria um estofo de argumentações sobre a necessidade de o farmacêutico atuar na atenção básica dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) e no Programa Saúde da Família (PSF), de sorte que se tornou assunto obrigatório em várias instâncias de discussão na saúde. Significa dizer que os pilares filosóficos, técnico e científicos sobre a importância da atuação do farmacêutico no setor público estão sedimentados.

Não é de hoje que temos nos reunido com autoridades sanitárias para levar as nossas argumentações. A cada um novo ministro que entra, provamos o que é óbvio. Mas não nos cansamos. Além do que, foi importante a maturação dessas idéias.

Agora, o leitor deve estar se perguntando: "Se o Ministro da Saúde e outras autoridades estão convencidos de que o farmacêutico é imprescindível na atenção básica, então, por que demora tanto para que ele ingresse no Sistema?".

Porque há outro pilar, além do filosófico, técnico e científico que é sujeito a interferências e interesses – o político. O Ministério da Saúde, sem fugir a nenhuma regra, é uma verdadeira cidade de muitas vias. Algumas vão, levando umas verdades; outras voltam, trazendo outras verdades. Há vias alternativas que levam e trazem meias verdades. Mas um dia, a verdade absoluta, aquela cristalina e inexorável, ocupará todas as vias, sem dúvida. Estou me referindo à irrefutável afirmação de que saúde sem farmacêutico não existe.

O Ministro da Saúde, Saraiva Felipe, médico sanitário de formação e de lida, homem de longa visão social, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), disse, em pronunciamento, no dia 19 de janeiro de 2006, que é "im-

possível oferecer saúde, sem a presença dos farmacêuticos nas equipes multiprofissionais".

Afirmar que a participação do farmacêutico na atenção básica e no PSF (Programa Saúde da Família) é necessária é uma verdade cristalina, irretocável, inexorável. As sociedades desenvolvidas sabem o tanto que se sentem seguras e confiantes diante dos serviços que lhes prestam os farmacêuticos, dentro e fora do âmbito público.

As sociedades de países desenvolvidos já purgaram os seus equívocos, quando ainda não tinham, em algum momento de suas histórias, aberto espaço para que o farmacêutico assumisse o lugar que lhe pertence, para fazer o que ele sabe e pode. Assim, depois de pagarem caro por isso, essas sociedades aprenderam a rejeitar quaisquer modelos falhos de saúde – aqueles que excluem o profissional do núcleo da saúde. O Brasil, como se vivesse no tempo das trevas, ainda não aprendeu a rejeitar modelos falhos como o que adota.

Mas acho que já andamos muito mais para perto do acerto. Não creio que esteja longe o dia em que uma equipe multiprofissional do SUS ou do PSF for construída com o tripé infalível – o médico (o prescritor), o farmacêutico (o dispensador) e o enfermeiro (o administrador de medicamentos). É óbvio que a evolução científica e a tomada de consciências de suas responsabilidades sociais trouxeram ao farmacêutico habilidades fantásticas relacionadas à atenção farmacêutica, um modo de atuar focado no paciente e não apenas no medicamento.

Deixando essa discussão de lado, mas sem sair dela – até porque este novo tópico reforça uma questão fundamental dentro do eixo do fazer farmacêutico com segurança, que é a qualificação – o Conselho Federal de Farmácia está colocando em execução um dos seus mais belos e eficazes programas no campo da educação farmacêutica. Trata-se de *O Exercício Profissional Diante dos Desafios das Farmácias Comunitárias*.

as. O programa, que estreou, em Brasília, há dois anos, como um projeto piloto, foi ministrado, em Goiânia, e, agora, chega a outras capitais, como Fortaleza e Cuiabá. Em seguida, alcançará o restante das demais capitais. Mas irá, também, ao interior, por meio da educação à distância.

Este é um programa complexo, focado na qualificação do farmacêutico que atua nas farmácias comunitárias. Ele ajudará a mudar o perfil do profissional dedicado à lida dentro das farmácias, tornando-o um farmacêutico apto a enfrentar, com absoluta segurança, as mais diferentes situações que o dia-a-dia lhe impõe ao balcão. Este é o momento de preparação do profissional para o seu tempo.

Falar em assistência farmacêutica no serviço público e em qualificação nunca será demais. Assim, nós amaduremos e melhoramos a qualidade das discussões, enriquecemos o debate sobre o SUS, num instante em que o Sistema promove ajustes importantes em sua rota, e damos passos mais rápidos que levarão o profissional ao lugar que lhe é devido.

Por isso, o Conselho Federal de Farmácia realizará, nos dias primeiro e dois de junho, em Brasília, um seminário nacional para avaliar a assistência na atenção básica. Parlamentares (senadores e deputados federais), agentes de assistência das secretarias de Saúde dos Estados e Municípios, autoridades do Ministério da Saúde, farmacêuticos e sociedade participarão do evento. É assim que se anda, no Brasil, quando se quer provar que uma verdade já provada é verdadeira: com muita luta.